



ESTRANHANDO O COMUM

Tatiane Cristina Dragoni¹

Ketiley Christine Maidana²

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo expor os trabalhos de Estranhamentos, que consistem na observação de objetos ou situações de forma a obter uma visão diferenciada do que já está delimitado em nossa sociedade.

A “beleza” Da “obra Prima”

Tatiane Cristina Dragoni

Pensar em ficar com a pureza das crianças, de suas respostas e por que não da vida? Certos artistas ainda dizem que não é necessário ter vergonha de viver e ser feliz, em determinados caso é mais que certo concordar com tais pensamentos, porém o que é bonito? O que é ser artístico e plástico no belo? Creio que muitos podem dizer que **não “isso é loucura”**, mas fala sério ela faz parte da vida e está presente constantemente ao nosso redor, inclusive muitas pessoas dizem vê-la.

A ela nomeio como uma das mais belas artistas da obra prima, imortalizada a guardiã, presente desde o inicio dos tempos, do *big-bang* à *criação divina*. Presente nas escritas, aos sons, ao silêncio, ela se constitui como invencível de ser vencida, claro que tem aqueles que pode dizer outra “verdade”, pensar nela faz com que a coragem e o medo se enfrentem “*cara a cara*”, muitos a **procura** e tenta entendê-la, outros a detesta mais que tudo que existe na vida.

Ela é capaz de trazer *alívio* e por que não pensá-la como portadora da paz? Realmente as indagações são constantes, o fato de pensar em sua imagem ao seu nome, faz com que entramos em êxtase. Pensar em Blow é pensar no que se pode **imaginar** ao

1 Graduanda em Licenciatura Plena em Pedagogia – UFMT; e-mail: tatydragoni@gmail.com.

2Discente em Bacharelado em Letras - UEMS



imaginável é ver para se admirar ou não. Blow é viva, sem forma, sem cor, ela é única, todos sabem de sua existência e de sua grandiosidade e por que não da sua magnificência?

Ela é a grandiosidade anunciada diariamente em caixas com: luzes, reflexos de imagens, sons expressados por mensageiros especiais, mas também em outros objetos, dispositivos que jorram ruídos para anunciar sua mensagem, sua presença. Sua mensagem por vezes tem diversos vestígios de sua presença e futura chegada.

Constantemente os Beings expressam sobre Blow, em algumas ocasiões expressam com gotas de cristais presentes em suas almas, outras vezes acostumados a comunicar sobre Blow que transpassam calma em suas almas.

Mas claro que independente das situações Blow nunca falha e pensar que **nunca falhará** seja na “prática” ou na “teoria” **é certo**, já nega-la é assombroso.

Seu talento é admirado por todos, Blow é *criativa*, sua arte é impecável, é tanta complexidade que ao admirá-la, lembrança surge, términos e intérminos fazem parte de sua chegada. Com ela os sentidos da visão, audição e o paladar são ativados, a visão é como o filme *da/na memória*, alguns dizem que o espaço a celebra para uma nova história. Blow por vezes é **“injustiçada”** pela sua arte e por outro lado ela é *aplaudida*, por vezes muitos Beings a convida para acompanhar em suas tarefas.

Paisagens sólidas, líquidas, gasosas faz de Blow sua convidada. Paladar como o próprio **féu** deseja seu encontro, por vezes forçam esses encontros e quando encontrada o **silêncio** surge, mas tem aqueles Beings que a detesta e nunca a quer por perto, Blow é **amaldiçoada**, mas *se nega* profundamente de não estar presente frente a frente a milhões de Beings de início ao fim. Ao falar sobre ela individualmente, ecos ressoam sobre Blow alguns Beings se extravasa correndo ao seu encontro, outros Beings não, sempre procuram manter *distância*, pois tem receio de encontrá-la.

A **presença** esta palavra **é** a chave para entendê-la. Por vezes acreditamos passar por ela, mas nem a percebemos, por vezes passamos por ela e até *“percebemos”*, porém outras luzes e vibrações nos faz distanciar de Blow. Quando **Blow** está tranquila ela age de **forma simplista**, quando não, ela é afrontosa quer que os Beings **notem** sua presença, ela vem pelas alturas, pelas profundezas, em alta velocidade ou vagarosamente, mas o certo ela vem e se aloja acompanha muitos Beings em grutas, cavernas tecnológicas, mas nenhuma dessas suas tecnologias Beings é capaz de **deixá-la** de lado.



Blow não suporta ser deixada de lado e não queira Blow irritada, pois além de **clássica** seu talento é inegável. Diversas culturas a **celebra** da terra nascente as terras acolhedoras, sua plasticidade de rastejar pelas dimensões terrestres, sua **união** ao mecanismo aquático, elétrico, tecnológico se faz constante. As representações sejam **amargas** ou **doces** estão registradas em dicionários dos Beings, existe **cultuações** ao seu nome seja para o *bem* ou para o *mal*.

Blow é “**amiga**” ela não tem preconceito à **cor, religião, gênero, espécie**, ela é a amante da liberdade, pensar na *liberdade* e em Blow é pensar na existência do inexistente, do puro ao imundo, da justiça à injustiça, é a **voga** do ontem, do hoje e claro do amanhã. Existir o amanhã faz parte da pintura de Blow, ela é **onipresente**, no seu ritmo surge à dança a expressão do sentimento mais puro ao mais egoísta. Ritmos é o que não falta, Blow é como a música, como o canto mais extravagante que qualquer Beings ninguém é como Blow nem nos próprios **delírios noturnos**.

Seres Beings proclama que visualizou Blow, mas **Blow** é como a ciência para os céticos ou como a criação divina para os também céticos. Podemos dizer, pensar, dialogar que Blow tem família, sua irmã é seu oposto que vive com a missão de fazer-se **brilho** ou **escuridão** para muitos **Beings**, a irmã de Blow se chama **Moruki** aquela que é amada e odiada por vezes também, é uma real contradição entre os Beings.

Ao descrever sobre Blow neste momento ventos foram soprados com outras direções de sentidos, mas persisto na mesma ideia sobre Blow. A propósito a intenção de falar sobre Blow desta maneira é mais que proposital é a minha **regra**, regra da utilização do singular ao plural por vezes **desconexa**, pois a **leitura** é a **expressão do sentimento de prazeroso ao criticismo** de simplesmente não gostar, porque **Blow** é isso é **sentimento**.

Voga, **Voga**, Voga essa *remada* de **pensamento** e de **INTENÇÕES** faz-se a explosão de sentimentos, assim como Blow faz com os Beings. A intenção de **pensar** em quem não fará mais parte, do texto desconexo que dará sentido, a **provocação** extrema.

Assim é **BLOW** provocação do antes e o depois “*dela*”. Sentir, viver, se desmoronar, se questionar se aliviar, “ter o prazer”, ter as **dúvidas** todos esses sentimentos estão presente entre as **irmãs** mais fiéis uma com a outra, a **Moruki** e a **Blow** no mesmo ciclo, aos amantes que estão presentes nos **lares** dos **Beings**.

Pensando um pouco mais sobre BLOW.



Ao atravessar a rua, na faixa de pedestre, olhei para o meu **universo**, meu ser interior e exterior, naquele momento observei ao meu redor, e no mesmo instante pensei em **Blow**. Contudo, só pensar em Blow não foi o suficiente para a minha pessoa, então decidi escrever algumas reflexões sobre a morte a qual carinhosamente passei a chamá-la de BLOW.

Sim, isso mesmo, você não leu errado! **Blow** é uma representação da **morte** descrita neste estranhamento, minha decisão de escrever sobre a morte é simples *a morte faz valorizar* os pequenos momentos, gestos, ocasiões, as pequenas surpresas da vida. Poucas vezes, temos a oportunidade de falar sobre a morte ou porque se tem receio ou por muitos acharem “desnecessário”, mas o que é ser “desnecessário”? O que é “necessário”? São esses tipos questionamentos que contribuiu para descrever sobre a simples ideias da **morte**.

O que **BLOW** pode causar na vida de qualquer **BEINGS** que nada mais que as **peessoas**, os seres humanos? Blow é reflexão, é sentimento, Blow é irmã legítima de **MORUKI** que é **a vida!**

As provocações aqui apresentada foram propositais, as desconexões e a estrutura do texto são formas de chamar atenção naquilo que pensamos como “errado”. A utilização do singular em vez do plural, da primeira pessoa e não na terceira é de fato para chamar atenção no escrito e no imaginado. A tentativa desse “incômodo” é de “facilitar” a imaginação do leitor e para a minha própria pessoa sobre Blow.

O Estibordo Da Vida

Ketiley Christine Maidana

Entre linhas e bordas, sou feito. Não para ser escrito ou desenhado. Simplesmente para existir. Mas, o que ninguém sabe é o que o simples fato da minha pequena existência, posso fazer grandes alterações. Sejam elas boas ou ruins.

Tem pessoas que ousam me cortar e o fazem como se não fosse nada. Usam lâminas, que ao atravessarem o meu interior, fazem com que pedaços que demorei tanto para unir fossem despedaçados em segundos. Eles riem triunfantes, mas a tristeza me domina.

Porque fazem isso?

*O que querem?*

Tentei muitas vezes perguntar, mas nunca me respondem. Aliás, sempre me ignoram. Eles acham que podem viver sem mim. Talvez sim, talvez não. Entretanto, precisam se lembrar que sou aquele que mostra o caminho que devem prosseguir.

Não venham depois chorar para mim, tentando reparar o erro, pois será tarde demais para mim e para vocês.

Mas, existem pessoas que perante as suas lágrimas e dores, conseguem me atingir. Os seus sofrimentos me comovem e com pena acabo cedendo. Porém, eu disse, “Não há cola que me remende”. E eles caem mais uma vez aos prantos diante de mim.

A pena deles me aflige, apesar de não ser como eles, sinto muito bem as suas energias negativas. E por anos viro-me para trás e sempre vejo na outra ponta aquilo que eles tanto queriam. A felicidade deles. E eles, a jogaram fora como se não fosse nada.

Tentei por milhares de anos juntar-me as metades cortadas, só que estavam sem vida. Então, mais uma vez estes tiveram um final triste. E quanto a mim, comecei mais uma vez do zero. Esperando que dessa vez não seja choro de dor, mas sim de alegria.

Certo dia, eu estava unido a algo forte, belo e intenso. Era algo novo que jamais havia sentido. “Agora sim”, pensei comigo enquanto aproveitava esse novo sentimento. Ele estava ali, amarrado firmemente e não havia rastros de que seria rompido. Fiquei alegre e posso dizer que quando se uniram, estes jamais pensaram em sequer se soltarem. E não havia dúvida. Para eles ficaram unidos e dessa vez o resultado foi belo, mas tiveram lágrimas, só que foram de alegria.

O tempo passou e eu envelheci. Fui me desgastando, mas ao invés de romper continuei firme. Sempre e sempre. Nunca fui rompido, até o último suspiro deles. No final, achei que jamais iria sentir esse sentimento, só que não foi possível segurar.

Então quando eles pararam de respirar, eu me rompi de forma natural e no final pude ver o real motivo do estibordo da vida.

CONCLUSÃO

O estranhamento, “O estibordo da vida”, trata sobre o fio do destino. Sobre a forma a qual ele via os humanos descartarem a sua felicidade o rompendo tentando escrever o seu próprio destino. Entretanto, ao se arrependerem não havia forma de remendar o que havia sido rompido. Por isso, estes experimentavam a dor e a infelicidade. Por outro lado, quando



havia algum humano que aceitava o seu destino eles eram felizes, e o fio continuava junto até desgastar e arrebentar, que era quando os humanos morriam.

A Não Compreensão De Pwélzi

Ketiley Christine Maidana

Quando Pwélzi ruminava, Tjum sentava-se do outro lado da porta corrediça, e olhava as esmeridades de Giul. Tjum e Pwélzi estavam sempre juntos. Não havia um dia em que ambos estivessem separados.

Entretanto, Tjum passou a mandigar pelas perspicácias de Noem. Aquilo o deixou enlevado, que nem sequer poderia se exteriorizar direito, nem mesmo as curiosidades que antes tivera por Giul.

Ainda que Pwélzi usava a sua capacidade para conduzir as informações e que voltasse a prestar mais atenção a Giul, Tjum estava perdido por Noem. E quando Pwélzi, se deu conta, não existia somente um Noem, eram vários. De diversas cores, formas, espessura e grossura. Não havia como justificar a obsessão de Tjum por Noem.

Pwélzi era incapaz de dizer ou tomar qualquer atitude, perante a diligência insaciável de Tjum. Antes, sempre ficava sentado atrás da porta corrediça, mas agora, era um lugar fechado, um pouco escuro e sem qualquer presença de Giul. Pwélzi sabia que Tjum estava ficando obcecado e aquilo iria lhe fazer mal. Todos precisam sentir e vivenciar Giul. Ele era o brilho e também a escuridão. Pwélzi não conseguia mais compreender Tjum.

Então, um dia Pwélzi abandonou Tjum, e para a sua surpresa, Tjum parou de se mover. E naquele momento, Pwélzi se desesperou, Giul ficou mórbido e Noem ficou dominado pelo silêncio.

Pwélzi se arrependeu do que havia feito, queria que tudo voltasse a ser como era antes. Então, ele voltou a se unir com Tjum, e naquele momento o sopro do milagre, o fez



ressurgir. Tjum compreendeu a solidão de Pwélzi e passou a utilizar todos eles, sentado atrás da porta corrediça.

Tudo parecia haver terminado, mas Pwélzi não conseguia apreender com Noem. Então, Tjum abriu um Noem, naquele momento, gotas de esperança, terror e tristeza submergiram Pwélzi. Este não sabia como reagir, porém, ao transpassar de mundo, já não havia tanto sofrimento, era doce e agridoce. Pwélzi, viu coisas belas e abstratas demais para compreender. Foi então, que passou a se perguntar, o que era isso que Tjum sorria com tanta facilidade e lhe era incompreensível.

Tjum passou dias e revirou todos os Noem, porém ele descobriu um Losam, que o fez ficar mais feliz e Pwélzi mais uma vez não conseguiu assimilar Tjum. Quando o visitou a sua alegria transbordou, pois haviam muitos Noem. Só que dessa vez, algo aconteceu...

Tjum estava perdido não somente por Noem, mas passou a admirar a Cewl. Pwélzi não entendia e não conseguia atinar o que estava se passando. Eram todos os dias e no mesmo horário. Era impossível saber o que Tjum estava pensando. Então, um dia Tjum chegou e deu um belo sorriso, que acabou cativando Cewl, que lhe devolveu da mesma forma. Pwélzi não sabia o que estava se passando, porém, de alguma forma, aquilo o confundia, ainda mais do que era com Noem, que agora passou a ter uma menor atenção, contudo Tjum sempre mencionava palavras para Cewl e com Noem ao seu lado. Tjum estava feliz e aquilo estava fazendo Pwélzi sofrer de tanto tentar entender.

Até que certo dia, Tjum juntou-se com Cewl e Pwélzi ficou surpreendido e no meio de tanta confusão, ele conheceu o doce Menru. Então, Pwélzi absorveu tudo que estava ocorrendo. Junto a Tjum, Cewl e Menru. Pwélzi depreendeu a verdadeira essência de Giul. E sabe o que é o melhor?

Noem sabia de tudo, dès do começo, somente bastava uma dose de Giul para experimentar todo tipo de sentimento e saber como expressá-lo. Não que ele obtivesse um Giul dentro dele, mas que às vezes a sua essência é um intermediador para qualquer Tjum.

CONCLUSÃO

O estranhamento “a não compreensão de Pwélzi”, trata sobre a razão (Pwélzi), que é de um ser humano, homem (Tjum). Este, que observava o passar da vida (Giul) sentado do lado de fora de sua casa, ou seja na área. Mas, com o passar do tempo ele se interessou por outra coisa, os livros (Noem). E quando ele leu todos os Noems, o homem descobriu um



Losam (Biblioteca). Ali ele conheceu uma mulher (Cwel). Como a razão não compreendia tudo isso, por somente entender as coisas de forma bruta. Porém, o homem e a mulher se apaixonaram e ao unirem o seu amor. Pwélzi conheceu Menru (Sentimentos), que não é nada mais do que o sentimento. Com isso Pwélzi pode além de somente ver a consistências das coisas, agora ele entendia as coisas de forma profunda e bela. E Noem que é o livro, aquele que adquire o conhecimento, sabia de tudo isso, pois ele é aquele que sabe de tudo, porém não foi o suficiente para ter a essência. Tanto que Tjum teve que experimentar todos esses novos sentimentos. Só dessa forma Pwélzi poderia esclarecer as suas dúvidas.

Meu Amigo

Ketiley Christine Maidana

- Pof!

Foi o que aquele pequeno garoto gritou ao virar a esquina de uma velha casa escondida entre os becos de uma cidade do subúrbio. Nunca o havia visto já que sempre estive dentro daquele pequeno lugar trancafiado. O meu único contato com o mundo exterior era por meio de pequenos buracos. Às vezes apareciam crianças que vinham e brincavam e logo iam embora. Nunca sequer me perguntaram o motivo de estar naquele lugar. Eu poderia me mover e sair, só que tinha medo daquelas pessoas que me machucavam. Então aquele lugar estranho e escuro era o meu esconderijo e o meu conforto. Mas, aquele garoto estava ali olhando alegremente para mim como se não se importasse nenhum um pouco pelo estado. Só que ele estava bem sujinho e um cabelinho bem ralinho. Eu me alegrei, pois alguém me deu atenção. Talvez fossem pelas nossas semelhanças, nos identificamos.

E quando ele se cansou de brincar comigo se virou para ir embora, fiquei na esperança de que aquela vez seria diferente. Mas, o silêncio dominou o lugar e mais uma vez me encolhi no canto esperando algo ser diferente.

- Pof!

Eu me levantei alegre e lá estava o garoto. Eu não conseguia acreditar no que estava vendo, até que o que me separava do mundo exterior foi aberto. Meus olhos brilharam e o garoto estendeu um dos seus pequenos braços na minha direção e me guiou para fora. A luz



do mundo exterior quase me cegou. Mas, o garoto me afagou tão ternamente que rapidamente me acostumei ao seu brilho e as suas estranhezas.

Depois desse dia eu nunca mais voltei para aquele lugar. Na verdade, agora era outro no exterior. Um bem maior, cheio de árvores e com um ar completamente diferente. Sempre era somente nós dois, felizes e plenos de vida.

Até que um dia, eu estava observando os peixes do rio, e ouvi um estrondo. Corri para ver do que se tratava e o garoto estava no chão curvado. Haviam outras crianças ao seu redor lhe atirando paus e pedras. Fiquei furioso e corri em sua direção. Pulei sobre eles e comecei a ataca-los da melhor forma que pude. Eles correram assustados, mas um deles gritou, “Aberração”.

Não havia sentindo as gotas da chuva cairem sobre a minha pele, e me virei para ver o garoto e ele estava muito machucado e sujo de sangue. Não dava para ver direito, até que um relâmpago clareou o lugar. Me assustei com a figura que estava vendo e sai correndo desesperado como se a minha vida dependesse disso. Então, comecei a me recordar de tudo que ele havia feito por mim e eu queria ser melhor do que aquelas crianças. Então, voltei para trás e corri na sua direção.

Ao chegar lá, ele estava em pé se arrastando pelas paredes tentando se manter firme. Aquela cena me cortou o coração. Ver quem cuidou tanto de mim, naquele estado. Somente fui eu que não pude ver, que apesar dele ser completamente diferente de um ser humano, ele fez o maior esforço para cuidar de mim. Então o coloquei nos braços e corri para o nosso esconderijo e lá comecei a tratar desesperadamente dele. Cada uma de suas feridas. E mostrei para ele que somente o amor que sentia por ele seria o suficiente para fazê-lo feliz.

Queria dizer com palavras, mas não seria o suficiente. Então, tratei arduamente de cuidar com todo o carinho dele. Este que já não gritava e nem sequer sorria. Seus pequenos fiozinhos foram caindo com o passar dos anos. Até o ponto de que restaram somente um. Este único fio caiu e quando estava ajeitando a cama para que deitasse ele sorriu. Ninguém poderia ter visto o seu sorriso, pois somente eu seu amigo pude ver.

- Pof!

Mas uma vez ele gritou. Porém, este foi fraco, e somente eu pude ouvir. Pois, ele não abriu a boca. Talvez fosse a minha imaginação. E pela primeira vez pensei, que talvez ele nunca houvesse aberto a boca, provavelmente foi somente a nossa necessidade em comunicarmos. E foi nesse momento em que vi que ele não era um garoto e nem humano. Na



verdade, não importa o que ele seja. Somente que nos ajudamos e importamos um com o outro.

E ainda que os anos tenham passado, posso ver o seu sorriso e o jeito atrapalhado de brincar comigo. E agora olhando para ele tão quieto e calmo, posso ver o quanto fui amado e valorizado. Coisa que ninguém fez. Sou muito grato a ele. Hoje, sou um adulto e cresci amado e querido. Devo tudo isso ao meu eterno amigo.

CONCLUSÃO

O estranhamento, “Meu amigo”, conta a história de uma criança que fugiu de casa com medo dos pais. Triste, abandonado e sozinho, a criança via o tempo passar, mesmo que de vez em quando alguma criança vinha e brincava com ele, todos iam embora. Ninguém se preocupava com ele, até que um cachorro sujo e feio se aproximou dele e da sua forma simples e animal, era mais humano que qualquer outro. Com isso, o cachorro e a criança passaram experimentar coisas novas e felizes. Mas, essa felicidade foi jogada para ser testada no momento em que a criança vê o cachorro ser agredido violentamente. A criança o defende, só que ao ver o quanto monstruoso era o cachorro, a criança se esqueceu dos momentos felizes e simplesmente fugiu. No entanto, ao se recordar do quanto o cachorro foi bom com ele, este retornou e cuidou dele até o final de sua vida. A criança cresceu e se tornou um adulto feliz, devido ao cachorro ter lhe ensinado de forma simples as melhores coisas da vida.